

“Diga xis”: A cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de 2012 nos jornais impressos

Tatiane Hilgemberg*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: Apesar da maior espetacularização e maior cobertura midiática do esporte para pessoas com deficiência, está claro para nós que há pouca literatura científica nas ciências sociais relacionada diretamente à análise da “mídiação dos atletas com deficiência”. Nosso estudo tem como objetivo tentar dar um panorama de como esses atletas foram representados fotograficamente e discutir as possíveis diferenças entre a representação de homens e mulheres em quatro jornais brasileiros durante os Jogos Paralímpicos de 2012. Foi possível determinar que o atleta com maior visibilidade na imprensa é do sexo masculino com uma deficiência física, e cujo corpo é apresentado em sua totalidade nas páginas dos jornais.

Palavras-chave: Atletas Paralímpicos; Imagem; Mídia.

“Say cheese”: The newspapers’ photographic coverage of the 2012 Paralympic Games

Abstract: It is clear to us that although there is a bigger spectacularization and media coverage of sports for people with disability, there is little literature in social science that approach the analysis of media and athletes with disability. This paper aims to understand how Paralympic athletes were visually portrayed by the press, and if there is any difference between male and female athletes’ representations in four major Brazilian newspapers during the 2012 Paralympic Games. Our results show that the athlete with major visibility is a male with a physical which is not hidden by the papers.

Keywords: Paralympic Athletes; Image; Media.

Introdução

Nos últimos vinte anos a cobertura midiática do esporte passou por um processo de espetacularização e o esporte tornou-se mercadoria. Contudo o esporte para pessoas com deficiência não é tão valorizado e continua sendo marginalizado, principalmente porque os atletas não correspondem aos ideais de fisicalidade (visão socialmente aceita da eficiência física), masculinidade (inclui agressividade, independência, força e coragem) e sexualidade (definido como uma visão aceita e esperada de comportamentos sexuais).

* Doutora em Comunicação Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Membro do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME).

Apesar da maior espetacularização e maior cobertura midiática está claro para nós que há pouca literatura científica nas ciências sociais relacionada diretamente à análise da “mídiação dos atletas com deficiência”. Isso explica a importância de trabalhos de autores como Schantz e Gilbert (2001) que foram pioneiros na Europa e internacionalmente. Em 1998 Bös e Kauer (apud LEBERSONG; DINOLD, 2012) afirmaram que deficiência e cobertura midiática ainda estão no início de sua cooperação.

De acordo com Léséleuc (2012) existem cinco conceitos recorrentes na análise de como atletas estigmatizados são representados pela mídia: Trivialização, é usada para categorizar os elementos dos artigos ou ilustrações que não apresentam os atores em situações esportivas, como por exemplo evocando sua infância, amores, maridos ou esposas, etc.; Infantilização, usada para categorizar elementos referentes a situações da infância do atleta; Feminilização ou sexualização, é usada para categorizar os elementos referentes a características do estereótipo feminino, como por exemplo usar maquiagem, vestidos, focalização em partes do corpo com conotação sexual; Esportivização, raramente formulada, mas definida como elementos que representam as atitudes esportivas individuais; Marginalização, ou discriminação ou estigmatização, é usada quando um certo número de processos são destacados e levam a um tratamento desigual.

Atualmente, o tratamento midiático dado aos atletas com deficiência permanece ancorado na visão moderna de mundo com seus mitos de alto rendimento, êxtase de movimentos e coragem exigida dos atletas em suas performances. Na verdade, a “mídiação” das pessoas com deficiência ainda está baseada em estereótipos oriundos das representações sociais prevalecentes entre o público em geral, e o corpo do atleta com deficiência continua sendo um corpo percebido através de seus limites, incapacidades e deficiências. Pode-se dizer que projetamos em um corpo mutilado, ou um corpo equipado com prótese o lado negro de cada um de nós. Esse corpo lesionado e incompleto testemunha

uma subjetividade particular e ilumina certos aspectos subestimados, negros e perturbadores da humanidade. O indivíduo com deficiência lembra às pessoas sobre a insuportável fragilidade do ser.

O esporte tem sido associado ao corpo atlético masculino, sendo que o corpo atlético ideal é visto como um corpo forte e capaz, e sem deficiências e danos (DEPAUW, 1997; HARDIN et al., 2002). As imagens e ideias associadas a este corpo e seus atributos são a força, habilidade, resistência e velocidade. Hargreaves (2000) afirma que as pessoas com deficiência são identificadas, julgadas e representadas em primeiro lugar através de seus corpos, vistos como imperfeitos, incompletos e inadequados. Qualquer um que não se enquadre na descrição de corpo atlético ideal é marginalizado ou tratado como “outro” no esporte.

Thomas e Smith (2003), por exemplo, analisaram 62 artigos de quatro jornais britânicos, durante os Jogos Paralímpicos de Sydney/ 2000, a fim de examinar a terminologia e a linguagem utilizadas para descrever os atletas com deficiência e suas performances. Os autores concluíram que algumas matérias reafirmavam as conceitualizações tradicionais ou dominantes da deficiência. A imprensa britânica representou os atletas paralímpicos como se almejassem o sucesso dos atletas sem deficiência, e foram encontradas algumas evidências de que a cobertura fotográfica negava a deficiência dos atletas.

Método e *Corpus*

Este estudo visa analisar como os atletas com deficiência foram representados durante os Jogos Paralímpicos de 2012. Especificamente, nosso objetivo é examinar as fotografias jornalísticas de atletas nos Jogos Paralímpicos de 2012, que reuniram 4.237 competidores, dos quais 2.736 (65%) homens e 1.501 (35%) mulheres (IPC, 2012), de 164 países, participando

em 20 esportes, a fim de tentar dar um panorama de como esses atletas foram representados e discutir as possíveis diferenças entre a representação de homens e mulheres.

A nossa amostra inclui apenas as notícias e reportagens, excluindo, portanto, artigos opinativos, cartas ao editor, crônicas e editoriais, publicadas pelos jornais O Globo, Folha de S. Paulo, Estado de Minas e Zero Hora, durante os 12 dias de evento, de 29 de Agosto a 09 de Setembro de 2012.

Obtivemos uma amostra de 106 notícias e 86 fotografias que tinham como foco o atleta paralímpico. Realizamos uma análise de conteúdo utilizando o instrumento categorial adaptado de Lee (2013) que fora baseado nos estudos de Cuneen e Sidwell (1998), Duncan e Sayaovong (1990), Hardin e colaboradores (2002), e Buysse e Borcheding (2010). As categorias utilizadas em nosso estudo são:

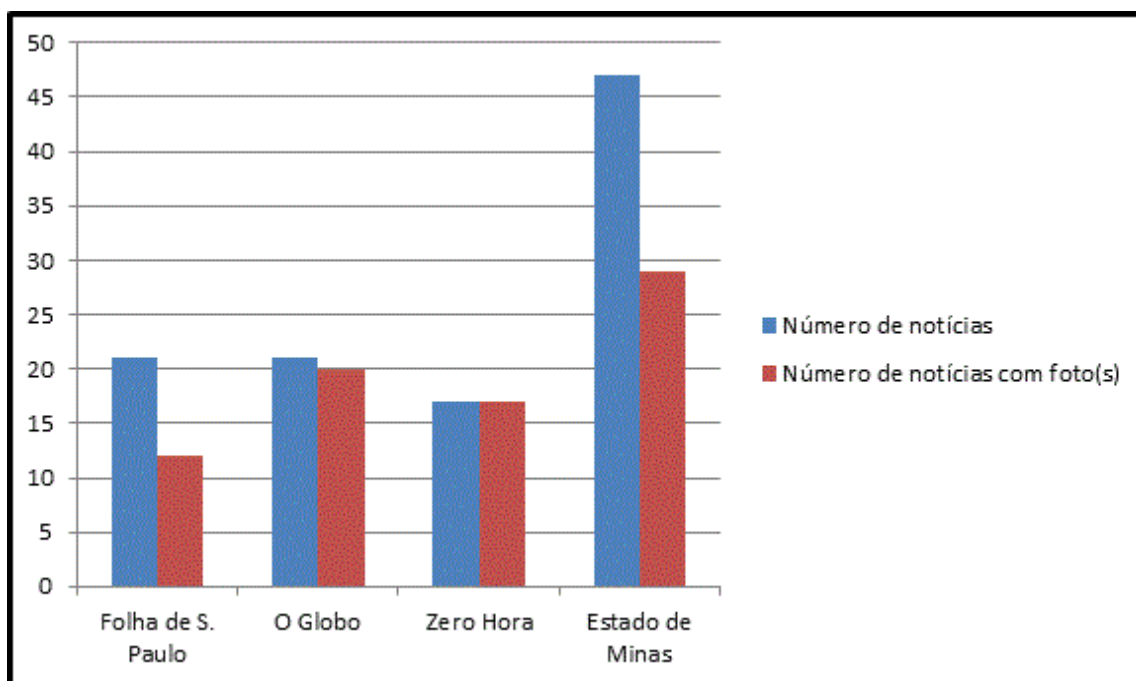
- a) Ângulo da Fotografia – foi codificado como ‘Plano Geral’ no qual o corpo inteiro da atleta é mostrado; ‘Plano Médio’ apresentando o corpo da cintura para cima; ‘Plano Americano’ em que o corpo é mostrado do joelho para cima; ‘Close’, ângulo no qual somente o rosto ou cabeça do atleta é mostrado; ‘Plano Detalhe’ que apresenta foco em algum detalhe da imagem ou foca em uma parte específica do corpo do atleta;
- b) Apresentação da Deficiência: nesta categoria observamos se a deficiência era visível ou invisível na fotografia;
- c) Tipo de Deficiência – no caso de a deficiência ser visível descrevemos qual a deficiência da atleta.

Diga Xis: a análise das fotografias

As fotografias atraem a atenção, percepção, emoção e causam envolvimento. A fotografia jornalística não é apenas um registro natural, há um conjunto de decisões formais envolvidas ao se registrar um evento, como por exemplo o uso de diferentes tipos de lentes, o

ângulo, o enquadramento e outros que nos mostram também as decisões editoriais. Ou seja, “São construções mentais, possibilitadas pela percepção dos objetos contidos nos mundos físico, social e cultural” (SIQUEIRA; SIQUEIRA, 2011, p. 659). Essas imagens são, da mesma forma, resultados da maneira como percebemos a vida social e estão embebidas de conceitos com o intuito de direcionar o receptor para determinado comportamento ou leitura (FLUSSER, 1985). Quando as fotografias são “construídas” e veiculadas, são enquadradas através de ideologias. Quem está enquadrado, quem não está, e como são apresentados expõem importantes mensagens ao consumidor. Na cobertura esportiva as fotografias têm, principalmente, a função de emocionar, entreter e/ou ilustrar.

Gráfico 01 – Comparação entre o número total de notícias e notícias com foto em cada impresso



Os jornais analisados apresentaram 86 fotografias, o que significa que 73,6% das 106 notícias consideradas continham foto. No Gráfico 01 apresentamos o número de notícias com foto em cada jornal em comparação com o total de artigos, o Estado de Minas foi o que

apresentou o maior número de fotografias (33), contudo em termos de notícias com fotografia o Zero Hora é o que apresenta a maior porcentagem (100%, ou seja, todas as matérias vieram acompanhadas por foto). O interessante desse resultado quantitativo é perceber que em todos os periódicos mais de 50% das notícias traziam imagens – 57% na Folha de S. Paulo; 95% em O Globo; 100% no Zero Hora; e 61,7% no Estado de Minas. Dados esses que vão de encontro ao estudo realizado por Bertling (2012) em jornais alemães que cobriram os Jogos Paralímpicos de Sydney/2000, cuja conclusão é a de que as fotografias são, na verdade, pouco implementadas na cobertura das Paralimpíadas, uma vez que apenas um quarto dos artigos vinham acompanhados de fotos. Essa pobreza iconográfica também foi encontrada nos diários franceses (LÉSÉLEUC, 2012; SCHANTZ; GILBERT, 2001).

Pappous, Marcelini e Léséleuc (2011) mostraram que o número de fotografias nos jornais aumenta quando o país sedia, ou iria sediar num futuro próximo, os Jogos Paralímpicos, ao contrário de países que não eram, ou iriam ser, sede, o que pode justificar o alto índice de fotografias publicadas.

As imagens estão em todos os lugares, e vivemos em uma sociedade inundada por informações visuais, isso exige que reflitamos em como recebemos essas informações. A interpretação das fotografias, e imagens em geral, se dá em uma via de mão dupla, pois ao mesmo tempo em que traduzem o mundo também são traduzidas por ele através do repertório de cada indivíduo.

Uma única fotografia pode contar uma história, já que implica no reconhecimento de um ritmo no mundo das coisas reais. A fotografia aparentemente não constitui - se num depoimento sobre o mundo, mas num fragmento dele, miniatura dessa realidade que podemos construir ou consumir (SILVA, 2008, p. 06).

Desde sua primeira edição em Roma/1960 os Jogos Paralímpicos estavam abertos à participação feminina, que aumentou a cada edição. A primeira participação brasileira nos jogos aconteceu em Heidelberg/1972, na edição seguinte em Toronto duas primeiras mulheres se uniram aos 21 brasileiros para representar o país, em 1980 houve quase uma ausência de

representação nacional com apenas dois atletas do sexo masculino, e em 1984 as brasileiras retornam às Paralimpíadas em proporção cada vez maior.

O esporte é uma poderosa instituição que reproduz a ordem patriarcal e reforça a masculinidade. Vários estudos comprovam que atletas masculinos e femininos são representados de forma diferenciada, em nosso estudo podemos perceber essa diferenciação no número de atletas mulheres em foco nas matérias, e também no número de fotografias que as retratava.

Tabela 1 – Gênero do atleta representado nas fotografias

Gênero	Quantidade	Porcentagem
Homem	75	87,2%
Mulher	11	12,8%

Essa diferenciação, quantitativa e qualitativamente, não é exclusiva do esporte paralímpico, o olímpico também aponta para a prevalente cobertura masculina. Nos últimos 30 anos pesquisadores do mundo todo têm comparado a cobertura midiática direcionada a atletas homens e mulheres nos jornais esportivos e Caderno de Esportes de jornais generalistas, esses estudos abarcam competições internacionais como Jogos Olímpicos de Inverno e de Verão, Mundiais de Atletismo, Commonwealth Games, entre outros, e as conclusões a que essas pesquisas chegaram mostram que matérias e fotografias sobre o esporte feminino e sobre a atleta mulher estão em número reduzido, e, no geral, tendem a sub-representá-las. Pereira, Pontes e Ribeiro (2014) analisaram as fotografias publicadas nos jornais O Globo e O Dia, durante os Jogos Olímpicos de Londres 2012, seus dados apontam que 68% das imagens representavam homens e 32% mulheres, reforçando o debate sobre a invisibilidade da mulher no esporte.

Crossman e colaboradores (2007) analisaram artigos científicos publicados sobre o tema nos Estados Unidos, Reino Unido, Canadá e Austrália entre 1984 e 2000, concluindo

que as atletas mulheres foram retratadas em 34,7% das fotografias, comparadas com a cobertura dedicada aos atletas homens. As mulheres envolvidas em esportes consideradas apropriados ao gênero feminino, como ginástica, natação, patinação, recebem mais atenção midiática do que aquelas que participam de modalidades "inapropriadas" como futebol, basquete, softball, hockey (CROSSMAN et al., 2007). Ao analisar a cobertura do esporte escolar durante um ano nos Estados Unidos, Pedersen (2002) mostrou que os jornais reafirmam a hegemonia masculina, uma vez que as mulheres foram sub-representadas e a cobertura fotográfica foi tendenciosa. Das 827 fotografias, 32,6% retratavam as mulheres e 66,7% homens, concluindo, portanto, que os homens receberam mais cobertura do que as mulheres, além de serem fotografias mais bem posicionadas na página, 26,3% das fotografias representando mulheres estavam localizadas na primeira página, enquanto na capa estavam 36,8% das fotos de homens. Em nosso estudo 100% das fotografias que retratavam atletas mulheres estavam localizadas no interior do jornal, ou seja, nenhuma figurava na capa, ou mesmo na capa da secção esportiva.

Thomas e Smith (2003) em seu estudo sobre a cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos de Sydney/2000 pelos impressos da Grã-Bretanha mostram que as mulheres são menos representadas. Mesmo resultado obtido por Pappous e colaboradores (2007) em sua análise dos Jogos de 1996, 2000 e 2004 pelos jornais espanhóis que publicaram 335 fotografias em todo o período sendo 60 de atletas do sexo feminino. Buysse e Borcheding (2010) analisaram impressos de cinco países (China, Itália, Nova Zelândia, África do Sul e Estados Unidos) na cobertura dos Jogos de 2008 em Pequim e perceberam que os homens são representados três vezes mais do que as mulheres. Lee (2013) também realiza uma pesquisa multi-cultural (Austrália, China, Reino Unido, África do Sul e Estados Unidos) sobre a cobertura fotográfica das Paralimpíadas de 2012 em Londres e seus resultados comprovam os anteriores, 61,9% das fotografias publicadas nos impressos analisados focalizavam homens e

33,8% mulheres. Resultado ainda mais díspare foi encontrado por Ayrazoglu (2015) que analisou o impresso esportivo turco Fanatik de 2007 a 2011 e das imagens encontradas apenas 6,6% enquadravam mulheres. Nosso estudo também confirma esses dados, 12,8% das fotografias representavam atletas do sexo feminino.

Gráfico 02 – Ângulo da Fotografia

	Total	Homem	Mulher
Visível	64%	62,7%	72,7%
Invisível	34,9%	36%	27,3%
Ambos	1,2%	1,3%	0%

Pelos resultados apresentados no Gráfico 02 percebemos que a maior parte das fotografias apresentou o corpo do atleta em sua totalidade (44,8% - Plano Geral) e da cintura para cima (39,5% - Plano Médio). Nosso estudo vai de encontro com os resultados encontrados por Schantz e Gilbert (2001) que analisaram a cobertura midiática dos jogos de 1996 pelos jornais franceses e alemães concluindo que 44% das fotos enquadrava o atleta da cintura para cima, ou apenas o rosto. Porém é reforçado pelos dados de Chang e Crossman (2000) que afirmam que as fotografias publicadas pelos impressos sul coreanos durante os Jogos Paralímpicos de 2004 tendiam a representar o corpo do atleta em sua totalidade, talvez como resultado de mudanças positivas com relação à deficiência naquela sociedade.

Lee (2013) que explorou a cobertura dos Jogos de 2012 em 12 impressos de cinco países verificou que os atletas com deficiência foram representados, em sua maioria, em plano geral (48,9%), quando analisando separadamente os sexos percebeu que os homens e mulheres mantinham essa tendência, com 54,9% dos corpos masculinos sendo inteiramente retratados e 39,4% dos femininos. Percebemos que no Brasil ambos os sexos seguiram o padrão com 46,6% das fotografias de homens e 36,4% das mulheres tendo o corpo totalmente apresentado. O segundo ângulo com mais frequência foi o plano médio (que enquadra o corpo

do atleta da cintura para cima), 41,3% das fotografias que representavam atletas do sexo masculino e 27,2% das que representavam competidoras inseriam-se nesse tipo de ângulo.

Figura 01: Fotografia em Plano Geral¹



Figura 02: Fotografia em Plano Médio²



Muitos autores afirmam que quando as mulheres atletas com deficiência são retratadas pela mídia, na maioria das vezes seus rostos são enquadrados, ao contrário das atletas sem deficiência às quais têm o corpo todo representado. Schantz e Gilbert (2001) e Lachal (1990), por exemplo, concluíram que existe certa tendência na mídia a deserotizar o corpo da atleta com deficiência. Nosso estudo, no entanto, revela o contrário, ou seja, as fotografias

analisadas mostram partes do corpo da mulher, que de acordo com Duncan e Sayaovong (1990) denotam dimensão sexual, como áreas genitais, quadris, seios, pernas etc.

Figura 03: Fotografia em Plano Geral³



Figura 04: Fotografia em Plano Médio⁴



A pergunta que fazemos é, mesmo com o corpo do(a) atleta sendo representado por inteiro a deficiência será visível?

Tabela 2 – Apresentação da deficiência

	Total	Homem	Mulher
Visível	64%	62,7%	72,7%
Invisível	34,9%	36%	27,3%
Ambos	1,2%	1,3%	0%

Alguns pesquisadores acreditam que ao focar a deficiência, ou a diferença corporal, do atleta os jornais estariam negando sua identidade, discordamos dessa ideia. Howe (2012), por exemplo, acredita que enquanto o corpo for o foco do esporte os atletas com deficiência continuarão a ser vistos como menos que capazes. Contudo, a deficiência é parte da identidade social do atleta paralímpico, como a teoria da identidade social sugere temos múltiplas identidades sociais que juntas definem quem somos, portanto, ignorar a deficiência é ignorar parte de quem são os atletas. Hall (1997) afirma que o esporte é uma das áreas em que parece natural enfatizar o corpo, que é o instrumento através do qual o atleta desempenha suas habilidades e representa a beleza atlética; de acordo com Kane (1989) a ideia de esporte esteve durante tanto tempo vinculada à de masculinidade e corpo atlético que eles se tornaram praticamente sinônimos, por isso a dificuldade reside em representar o corpo sem carregá-lo com mensagens sobre gênero, sexualidade e deficiência. Esse corpo forte, independente, viril e saudável é o ideal de nossa sociedade ocidental, sendo promovido e reafirmado pelos meios de comunicação, ficando o corpo com deficiência escondido, indesejado (TALEPOROS; MCCABE, 2002). O corpo comunica, contando a história do atleta através da gramática de movimentos. Esse corpo diferente pode chocar e angustiar as pessoas sem deficiência, uma vez que se afasta da ideia de corpo belo e atlético, despertando atitudes de rejeição e repulsa.

Até recentemente a cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos era limitada, em parte por não desejarem cobrir esportes que se distinguem por serem praticados por pessoas

"imperfeitas". "Disabled sport remains sport for people with damaged bodies"⁵ (SEYMOUR, 1998, p. 115), e do corpo esportivo espera-se a perfeição, portando o entrave estético ainda existe.

No estudo realizado por Schantz e Gilbert (2001) em 1996 os jornais franceses e alemães tenderam a esconder a deficiência dos atletas paralímpicos. Buysse e Borcharding (2010), por sua vez, analisaram 12 jornais impressos de cinco países durante os Jogos Paralímpicos de Pequim 2008 e chegaram também à conclusão de que a deficiência do atleta era invisível em 61% dos casos. Pappous e colaboradores (2011) avaliaram a cobertura fotográfica de Sydney/2000 a Pequim/2008 em cinco jornais europeus e seus dados apontam que em Sydney a maioria das fotografias publicadas (82%) deixava pelo menos uma evidência de que o personagem retratado possuía deficiência, em Pequim esse número caiu para 42%. Bertling (2012) encontra resultados semelhantes na imprensa alemã, ou seja, a maioria das fotografias tendia a esconder a deficiência do atleta através de técnicas de sombras ou artifícios similares. Ao analisar a cobertura fotográfica de atletas mulheres nos Jogos Paralímpicos de 2012 pela Globo.com, Figueiredo (2014) também identificou que em 58,1% das fotografias a deficiência estava invisível.

Nossos dados refutam esses estudos uma vez que na maioria das fotografias a deficiência era visível e identificável (Tabela 2). Como vimos, os corpos apresentados nesse período não costumam ilustrar jornais diários, nem possuem visibilidade na mídia, que exige corpos perfeitos, a maioria das pesquisas realizadas no âmbito do esporte paralímpico ratificam essa ideia, o que tornou difícil para nós encontrar explicações específicas para o fato de em nossa amostra o corpo do(a) atleta paralímpico ter sido apresentado de forma a expor sua deficiência. Podemos, no entanto, trabalhar com algumas hipóteses.

Primeiro, a visibilidade da deficiência pode dar mais legitimidade no processo de construção da imagem do atleta paralímpico, uma vez que no corpo se insere a história, tanto

do indivíduo quanto do grupo ao qual pertence. E quanto mais identificado com o grupo mais diferenciado ele estaria dos outros e maior será a percepção de diferença entre “eu” e “outro”. Ao mesmo tempo a visibilidade da deficiência possibilita tornar o que não é familiar em familiar (MOSCOVICI, 2011). Devenney (2005) afirma

(...) It may be that by labelling, the unfamiliar is made understandable, but remains in a category which is feared, but safe in that it remains ‘the other’. (...) This mixture of ambiguity and fear of the unknown makes representation difficult. It is likely that fear is an important component in terms of categorisation (p. 30)⁶.

Acreditamos que por muito tempo os corpos diferentes foram ocultados através de simulacros que nos fizeram esquecer sua existência. Esses corpos expulsos de espaços hegemônicos exercem o papel simbólico de perturbação dos sentidos, (re)afirmando a estética da normalidade. Ao expor o diferente, com mais frequência e mais clareza, concordamos com Moscovici, é possível transformá-lo em familiar e reduzir o choque do encontro de olhares. Na verdade só o tempo nos dirá se a exposição da deficiência nas páginas dos jornais servirá para fortalecer as fronteiras ou para derrubá-las.

Segunda hipótese. De acordo com Marcellini (2012) quando o corpo do atleta é equipado ou até inserido em uma máquina, ou em aparatos tecnológicos, maior a chance dele se tornar visível constituindo a imagem de corpo controlado, eficiente, ativo e tecnológico. Dos cinco atletas com maior representação fotográfica quatro são amputados, sendo que dois utilizam próteses para correr (Alan Fonteles e Oscar Pistorius), um utiliza a handbike (tipo de bicicleta movimentada pelas mãos – Alessandro Zanardi) e apenas um aparece sem próteses e sem aparatos tecnológicos (Daniel Dias). O corpo representado é híbrido, penetrado pela tecnologia e borrando as fronteiras. “Recortado, maquínico e com deficiência, mas tecnológico, biológico e potencializado: um corpo de significados e formas plurais que, interpelado por práticas discursivas, transita pelas fronteiras de seus limites” (NOVAES, 2006, p. 52-53). O ciborgue é visto como a possibilidade de reduzir as fragilidades humanas, corrigir falhas e imperfeições e dar ao corpo nova configuração, e por isso atrai tanta atenção.

Essa flexibilidade de fronteiras pode ser exemplificada pelo caso do atleta sul africano Oscar Pistorius impedido de competir nas Olimpíadas de 2008 pois, supostamente, suas próteses davam a ele vantagens biomecânicas. Essa ideia contradiz todo um pensamento de que a pessoa com deficiência seria frágil e deficiente (adjetivo), ao inserir em seu corpo as tecnologias do mundo moderno o atleta torna sua deficiência em maximização de sua potencialidade.

Assim, talvez, esse “tipo” de atleta ocupe um não-lugar, ou seja, não pertence mais a um polo (normal/anormal, completo/incompleto, eficiente/deficiente), mas há a abertura de novas possibilidades de configuração de lugar a ser ocupado pelo sujeito, e de novas possibilidades de ser atleta. “O ciborgue nos força a pensar não em termos de “sujeitos”, de mônadas, de átomos ou indivíduos, mas em termos de fluxos e intensidades, tal como sugerido, aliás, por uma “ontologia” deleuziana” (TADEU, 2009, p. 14).

A maior exposição desses corpos pode ser comprovada pela variável “tipo de deficiência” (Tabela 3) que aponta que das deficiências visíveis nas fotografias a maioria eram amputações, seguidas por deficiências visuais e cadeirantes.

Tabela 3 – Tipo de deficiência

Tipo	Quantidade	Porcentagem
Amputação	36	63,2%
Deficiência Visual	15	26,3%
Cadeirante	6	10,5%

Haller (2000) ao analisar os 12 maiores jornais e revistas americanos entre 1990 e 1993 conclui que mais da metade das 171 fotografias publicadas representavam cadeirantes. Scheel e Duncan (1999) pesquisando sobre a cobertura da rede americana CBS em 1996 perceberam que os cadeirantes receberam 40% da cobertura, amputados 32% e cegos 20%. Vários outros pesquisadores também têm reportado que os atletas mais frequentemente

enfocados são aqueles com deficiência física, e o grupo mais representado são os atletas masculinos cadeirantes (SCHANTZ; GILBERT, 2001; HARDIN; HARDIN, 2003; THOMAS; SMITH, 2003). Hardin e Hardin (2003) chamam isso de hierarquia da deficiência construída pela mídia, onde os homens cadeirantes estão no topo porque eles são o mais próximo do competidor ideal entre os atletas com deficiência. DePauw (1997) contudo, argumenta que isso se dá porque a cadeira de rodas pode ser vista como substituta dos membros inferiores, enquanto a parte superior do corpo do atleta oferece um físico “aceitável” e “aparentemente normal”. Schantz e Gilbert (2001) sugerem que a imagem desse grupo de atletas é tão forte que permite que o sujeito seja rotulado como tendo deficiência sem que isso seja exposto.

O estudo de Raab e Janda (2012) sobre a cobertura dos Jogos Paralímpicos de Pequim 2008 pela televisão pública alemã, aponta que os cadeirantes foram representados em 18% do material, seguido por amputados, e atletas com deficiência visual. Lee (2013) aponta o mesmo caminho da cobertura dos Jogos de Londres por impressos de cinco países – 40,1% das fotografias representam cadeirantes e 38,3% amputados. O que percebemos dessas pesquisas, juntamente com os nossos resultados, é que a ordem se altera, contudo os atletas com as deficiências mais apresentadas são cadeirantes, amputados e visuais. Raab e Janda (2012) completam que como cadeirantes ou amputados são as mais comumente representadas, em geral, não provocam tanta aversão apesar de sua deficiência aparente.

Além disso, diferentes tipos de deficiência podem provocar diferentes tipos de reações. Diversos estudos mostraram, por exemplo, que a sociedade apresenta atitudes mais positivas em relação às pessoas com deficiência física do que com relação àquelas com deficiência intelectual (AUSLANDER; GOLD, 1999). Tringo (1970) investigou como as pessoas com deficiência são percebidas e as atitudes da sociedade com relação a esse grupo e desenvolveu a Escala de Distância Social da Deficiência (*Disability Social Distance Scale*). O

autor apresenta uma lista de 21 deficiências e pede aos participantes que indiquem que tipo de relacionamento teriam com um indivíduo com aquela deficiência. Amputação foi a deficiência “preferida”, seguida por deficiência visual, paraplegia (cadeirantes), nanismo e paralisia cerebral. De acordo com Tringo (1970) as deficiências físicas são preferíveis às sensoriais que, por sua vez, são preferíveis às intelectuais.

A cobertura midiática da deficiência parece variar dentre os diferentes tipos de deficiência. Estudos sobre programas televisivos e filmes mostram que a deficiência intelectual é retratada mais frequentemente do que os outros tipos; por outro lado, a mídia impressa tende a reportar mais a deficiência física (AUSLANDER; GOLD, 1999).

É importante aqui também ressaltar que os atletas com paralisia cerebral, e muitos com alguma deficiência física ou motora, são representados nas fotografias simplesmente como cadeirantes dificultando a identificação da especificidade da deficiência, o que levou à generalização de nossa categorização. Também é de se notar que das 44 medalhas conquistadas pelos brasileiros 16 pertencem a atletas com deficiência visual, 10 a atletas amputados, sete a cadeirantes, atletas com paralisia cerebral e nanismo conquistaram duas medalhas cada, e atletas com deficiências físicas e motoras de menor grau voltaram de Londres com sete medalhas. Esses números também podem justificar maior atenção dos jornais analisados aos atletas com deficiência visual, amputados e cadeirantes.

Conclusão

Como elemento na formação da opinião pública, a mídia também tem um importante efeito em como o esporte se desenvolve e é praticado (vide as mudanças de regras em alguns esportes por conta das transmissões televisivas). Atualmente é impossível pensar em um grande evento esportivo sem a presença dos meios de comunicação. Assim é fácil notarmos que ‘o que’ a mídia cobre e ‘como’ realiza essa cobertura, e trata os participantes em cada

esporte podem ser questões que criam barreiras devido a estereótipos, trivialização e sub-representação.

É possível notar que os avanços com a preocupação destes temas passam necessariamente pela informação e pelos meios de comunicação e vão determinando novas formas de pensar e agir em relação à diversidade humana, com poder na formação de conceito e de manutenção de pré-conceitos. A forma como a pessoa com deficiência é vista pela sociedade é, em grande parte, construída com base na influência dos meios de comunicação social

Nos últimos dez anos houve um aumento no número de pesquisas, e pesquisadores, que enfocam a questão da deficiência. Este número, no entanto, é considerável apenas nos Estados Unidos e Europa, ficando o Brasil muito aquém nesse ramo de pesquisa. Ainda levará algum tempo para que a deficiência transforme-se em uma categoria de análise cultural, histórica, humana, etc., com a mesma importância, ou status, de gênero e raça.

Com este estudo tínhamos como objetivo verificar como o atleta paralímpico foi retratado pelos jornais impressos. Nossos resultados evidenciaram que o atleta com maior visibilidade midiática é do sexo masculino com deficiência física (amputado, cadeirante ou com deficiência visual), que não foi escondida pelos jornais. Quando analisamos as diferenças na representação de homens e mulheres percebemos que o gênero masculino é muito mais frequentemente retratado do que o gênero feminino, contudo qualitativamente ambos seguem padrões semelhantes. Homens e mulheres têm seus corpos apresentados, e sua deficiência é visível e identificável.

Como dito anteriormente, quando um país está sediando, ou vai sediar, o evento esportivo o número de notícias e fotografias sobre os atletas paralímpicos tende a aumentar, o que pode ter acontecido no caso do Brasil. Para comprovar essa hipótese seria necessário comparar os dados de coberturas prévias, e analisar a cobertura de 2016, e de pelo menos

mais duas edições futuras, para que possamos determinar como essa cobertura muda, e mais importante como o corpo do atleta é representado pelos meios de comunicação. Outra possibilidade é a de se realizar um estudo multicultural comparativo.

Acreditamos que os Jogos Paralímpicos no Brasil possam trazer mudança na forma com que a mídia representa o atleta com deficiência, e a longo prazo a pessoa com deficiência, o que pode, em consequência, alterar a forma com que a sociedade reage, e age, à deficiência. O que podemos dizer neste momento é que os atletas com deficiência estão mais inseridos no ambiente competitivo, no que diz respeito a sua representação, mas ocupam um lugar diferente dos atletas sem deficiência. Contudo, como dissemos, nossas conclusões são preliminares.

Referências Bibliográficas

- AUSLANDER, G. K.; GOLD, N. 1999. "Disability Terminology in the media: a comparison of newspaper reports in Canada and Israel". *Social Science & Medicine*, 48, p. 1395-1405.
- AYVAZOGLU, N. R. 2015. "Gender Parity in Media Coverage of Athletes with Disabilities in Turkey". *Journal of International Women's Studies*, 16. p. 220-236.
- BERTLING, C. 2012. "Disability Sports in the German Media". In: O. Schantz; K. Gilbert. (Eds.). *Heroes or Zeroes? The media's perceptions of Paralympic sport*. Illinois: Common Ground Publishing LLC. p. 55-64.
- BÖS, K.; KAUER, O. 1998. "Behindertensport in den Medien". Aachen: Meyer & Meyer apud LEBERSONG, J.; DINOLD, M. 2012. "The Austrian Press – Media coverage during the 2008 Beijing Paralympic Games". In: O. Schantz; K. Gilbert. (Eds.). *Heroes or Zeroes? The media's perceptions of Paralympic sport*. Illinois: Common Ground Publishing LLC. p. 77-84.
- BUYSSE, J. A. M.; BORCHEDING, B. 2010. "Framing Gender and Disability: A Cross-Cultural Analysis of Photographs From the 2008 Paralympic Games". *International Journal of Sports Communication*, 3. p. 308-321.
- CHANG, I. Y.; CROSSMAN, J. 2000. "“When there is a Will, there is a Way”: A quantitative comparison of the newspaper coverage of the 2004 Summer Paralympic and Olympic Games". *International Journal of Applied Sports Sciences*, 21(2). p. 16-34
- CROSSMAN, J.; VICENT, J.; HARRIET, S. 2007. "The Times they Are A-Changing: Gender comparisons in three national newspapers of the 2004 Wimbledon Championships". *International Review for the Sociology of Sport*, 42. p. 27-41.
- CUNEEN, J.; SIDWELL, M. J. 1998. "Gender portrayals in Sports Illustrated for Kids advertisements: A content analysis of prominent and supporting models". *Journal of Sports Management*, 12. p. 39-50.
- DEPAUW, K. 1997. "The (In)visibility of (Dis)ability: Cultural contexts and “sporting bodies”". *Quest*, 49, 1997. p. 416-430.

- DEVENNEY, M., J., V. 2005. *The Social Representations of Disability: Fears, fantasies and facts*. Tese de Doutorado em Filosofia, Clare College Cambridge, Reino Unido.
- DUNCAN, M. C.; SAYAOVONG, A. 1990. "Photographic Images and gender in Sports Illustrated for Kids". *Play and Culture*, 3, p. 91-116.
- FIGUEIREDO, T. H. 2014. "Gênero e Deficiência – uma análise da cobertura fotográfica dos jogos paralímpicos de 2012". *Estudos de Jornalismo e Mídia*. 11(2), p. 484-497.
- FLUSSER, V. 1985. *Filosofia da Caixa Preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Editora Hucitec.
- HALL, S. 1997. "The spectacle of the 'Other'". In: S. Hall (Ed.) *Representation: cultural representations and signifying practices*, Londres: Sage/Open University, pp.223-290.
- HALLER, B. "If They Limp, They Lead? News representations and the hierarchy of disability images". In: BRAITHWAITE, D. O.; THOMPSON, T. L. (Eds.). *Handbook of Communication and People with Disabilities: Research and application*. Marwah: Lawrence Erlbaum Associates. p. 289-305.
- HARDIN, B.; HARDIN, M. 2003. "Conformity and conflict: Wheelchair athletes discuss sport media". *Adapted Physical Activity Quarterly*, 20(3). p. 246-259.
- HARDIN, M.; CHANCE, J.; DODD, J.; HARDIN, B. 2002. "Olympic photo coverage fair to female athletes". *Newspaper Research Journal*, 64, p. 64-79.
- HARGREAVES, J. A. 2000. *Heroines of Sport: The politics of difference and identity*. London: Routledge.
- HOWE, D. 2012. "The Imperfect Body". *Routledge Online Studies on the Olympics and Paralympic Games*, 1(57). p. 100-152.
- KANE, M. J. 1989. The Post Title IX Female Athlete in the Media. *Journal of Physical Education, Recreation and Dance*, 60. p. 52-62.
- LACHAL, R. C. 2000. "La representation des personnes handicapées dans les medias: de l'objet au sujet". *Revue Revenir*, 39. . p. 97-105.
- LEE, M. J. 2013. *Images of Athletes with Disabilities: An Analysis of Photographs from the 2012 Paralympic Games*. Tese de Doutorado em Filosofia, Departamento de Cinesiologia, Universidade do Alabama.
- LÉSÉLEUC, E. 2012. "A Way Forward – Researching international perspectives on media and the Paralympics". In: O. Schantz; K. Gilbert. (Eds.). *Heroes or Zeroes? The media's perceptions of Paralympic sport*. Illinois: Common Ground Publishing LLC. p. 121-134.
- MARCELLINI, A. 2012. "French Perspectives on the Media and Paralympics In: O. Schantz; K. Gilbert. (Eds.). *Heroes or Zeroes? The media's perceptions of Paralympic sport*. Illinois: Common Ground Publishing LLC. p. 95-104.
- MOSCOVICI, S. 2011. *Representações Sociais: investigações em psicologia*. Trad.: Pedrinho A. Guareschi. 8. Ed. Petrópolis: Vozes.
- NOVAES, V. S. 2006. *O Híbrido Paraolímpico: Ressignificando o corpo do atleta com deficiência a partir de práticas tecnologicamente potencializadas*. Dissertação de Mestrado em Ciências do Movimento Humano-Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- PAPPOUS, A.; CRUZ, F.; LÉSÉLEUC, E.; GARCÍA, M. P.; MUNOZ, A.; SCHMIDT, J.; MARCELLINI, A. 2007. "La Visibilidad de la Deportista Paralímpica en la Prensa Espanola". *Revista de Ciencias del Ejercicio Físico*. p.12-32.
- PAPPOUS, A., MARCELLINI, A., LÉSÉLEUC, E. 2011. "Contested issues in research on the media coverage of female Paralympic athletes". *Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics*, 14(9).p. 1182-1191.
- PEDERSEN, P. M. 2002. "Examining Equity in Newspaper Photographs – a content analysis of the print media photographic coverage of interscholastic athletics". *International Review for the Sociology of Sport*, 37(3-4), p. 303-318.

- PEREIRA, E. G. B.; PONTES, V. S.; RIBEIRO, C. H. V. 2014. “Jogos Olímpicos de Londres 2012: Brasileiros e brasileiras em foco”. *Revista de Educação Física/UEM*, 25(2). p. 257-271.
- RAAB, N.; JANDA, S. 2012. “Coverage of the Beijing Paralympic Games on German Television”. In: O. Schantz; K. Gilbert. (Eds.). *Heroes or Zeroes? The media’s perceptions of Paralympic sport*. Illinois: Common Ground Publishing LLC. p. 85-94.
- SCHANTZ, O.; GILBERT, K. 2001. “An Ideal Misconstrued: Newspaper coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany”. *Sociology of Sport Journal*, 18. p. 69-94.
- SHELL, L.; DUNCAN, M. 1999. “A Content Analysis of CBS’s Coverage of the 1996 Paralympic Games”. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 16. p. 27-47.
- SEYMOUR, W. 1998. *Remaking the Body*. Londres: Sage.
- SILVA, C. R. 2008. “A pessoa (não) é para o que Nasce: A produção discursiva na cobertura fotojornalística do Parapan/2007”. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 6., 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo.
- SIQUEIRA, E. D.; SIQUEIRA, D. C. O. 2011. “O corpo como imaginário da cidade”. *Revista Famecos*, 18(3). p. 657-673.
- TADEU, T. 2009. “Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano”. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. *Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. p. 7-16.
- TALEPOROS, G.; MCCABE, M. P. 2002. “Body Image and physical disability: personal perspectives”. *Social Science & Medicine*, 54. p. 971-980.
- THOMAS, N.; SMITH, A. 2003. “Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of British Media Coverage of the 2000 Paralympic Games”. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 20, p. 166-181.
- TRINGO, J. L. 1970. “The Hierarchy of Preference Toward Disability Groups”. *The Journal of Special Education*, 4(3). p.295-306.

¹ Folha de S. Paulo, 28 de Agosto de 2012

² O Globo, 31 de Agosto de 2012

³ Zero Hora, 03 de Setembro de 2012

⁴ Estado de Minas, 29 de Agosto de 2012

⁵ O esporte adaptado continua a ser esporte para pessoas com corpos danificados. (Tradução livre da autora)

⁶ (...) Talvez através da rotulação, o não familiar torna-se inteligível, mas continua em uma categoria onde é temida, porém mantendo-se a salvo pois continua sendo “o outro”. (...) Essa mistura de ambiguidade e medo do desconhecido torna difícil a representação. É como se o medo fosse um importante componente em termos de categorização (Tradução livre da autora).

Dados da autora:

Tatiane Hilgemberg: Doutora em Comunicação Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Membro do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME).

Hilgemberg, T. Smile for the Camera: Photographic Analysis of 2012 Paralympic Games Media Coverage in Brazilian Newspapers. International Council of Sport Science and Physical Education. v.70, 2016.

Hilgemberg, T. Do Coitadinho ao Superherói. Representação social dos atletas paraolímpicos na mídia brasileira e portuguesa. Ciberlegenda (UFF. Online). , v.1, p.48 58, 2014.

Hilgemberg, T. Gênero e Deficiência Uma análise da cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de 2012. Estudos em Jornalismo e Mídia, v.11, p.484-497, 2014.

Hilgemberg, T. Atleta de Papel: a representação do atleta paralímpico nas páginas da Folha de S. Paulo In: Anais do XIV Congresso IberoAmericano de Comunicação IBERCOM 2015: comunicação, cultura e mídias sociais. 1 ed. São Paulo: ECAUSP, 2015, p. 6978-6987.

Hilgemberg, T. O Herói Paralímpico Análise da representação de Alan Fonteles pelo Sportv Repórter. In: Reencontros da Comunicação: cidade, estéticas & resistências. 1 ed. Porto Alegre: Buqui, 2015, p. 102-115.

Hilgemberg, T; PEDRETTI, A. Brazil In: International Sports Press Survey 2011. 1 ed. Norderstedt: Books on Demand GmbH, 2013, v.5, p. 178-186.